

Coimbra

OBRAS CLANDESTINAS NA UNIVERSIDADE — URBANISTA PEDE INTERVENÇÃO DA CÂMARA

Subscrita pelo prof. Costa Lobo, foi lida pelo coronel Alvaro Seco, na última sessão camarária, um documento que se reveste de grande interesse e que, por isso mesmo, o damos à estampa nas suas partes essenciais.

É tema melindroso, mas a tomada de posição denuncia coragem e demonstra que, afinal, a Universidade, no caso, a Faculdade de Farmácia, deamente certos conceitos que visam a defesa do património e a tal preservação da Alta.

Começa o técnico por afirmar que o edifício dos Paços da Universidade, adaptado do antigo palácio real, e, pelo seu significado histórico e cultural, um património de projecção mundial, nomeadamente no lado norte, onde as torres e movimentos da fachada emprestam uma força indiscutível à sua expressão medieval e de influência moçárabe, elemento «numero um» na imagem e simbologia da cidade.

E escreve: «Trata-se, de facto, de uma imagem insubstituível em que a relação da Universidade com a cidade, na rede de sua implantação e do conjunto histórico, tem papel fundamental. No terreno suportado pelo muro bravo, em tempos, os chamados jardins de farmácia, com jardins ou sem eles, trata-se de um espaço insubstituível».

E continua: «Triste nota dos tempos foi aquela extensão da casa dos Moles (as instalações da Faculdade de Farmácia) realizada há anos. Levantou-se o alarme, foi dado como facto consumado, inevitável face à presença da expansão das instalações da Faculdade, acabando por ser tolerada, já que, por condições de

ser considerada, a título precário, a demolição logo que obtidas novas instalações definitivas».

Passados estes anos — escreve o prof. Costa Lobo — verifica-se, espantosamen-

te, nova arremetida contra os valores do património que a todos cabe defender. Em vez da demolição, o acréscimo é reforçado por novas construções aparentemente inocuas, por mais baixas que as anteriores, embora tenha sido esquecido que a ampliação iria reforçar aquilo que o futuro deveria demolir em nome do património e dignidade.

A situação está a agravar-se ainda mais. Para além

dos aditamentos mencionados, as construções anteriores, consideradas precárias, estão a estender-se para o sul, encobrindo cada vez mais a plataforma onde a Universidade assenta e onde deveria ver-se assentar com todo o vigor e significado.

A agravar todo este processo de obras, tal-se no ambiente criado pela construção que estabeleceu um corredor desqualificado que «obscure uma demonstração de insculptura, de herança, ou então de cultura de fachada em que só o interior da pórtica da Universidade e a sua fachada joanina do seu corpo principal interessam para os turistas apressados ou manipulados».

A posição enérgica do urbanista da cidade conclui que numa altura em que se poderia aspirar à formação de um processo de qualificação do Centro Histórico de Coimbra como património mundial, como é possível ficar-se indiferente a este atentado? Como é possível, depois de se ter efectuado o «1.º Encontro sobre a Alta», em que se designou por crime a destruição da velha Alta dos anos quarenta?

A Câmara Municipal — reforça o prof. Costa Lobo — não deve ter complacência em relação à Universidade neste capítulo. Ambas as entidades deverão pontualizar-se de muitos erros, mas não é o momento para penitências.

Há que agir rapidamente e com firmeza e clareza, pois processos não transparentes não servem a cidade e o país.

Diá

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

Equipamento-Instalações
Univ. Coimbra